

**PARA QUE EDUCAÇÃO?
ANÁLISE DA OBRA “SOBRE A PEDAGOGIA” DE IMMANUEL KANT**

Flávio Araújo Vieira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta estabelecer uma análise das contribuições do filósofo Immanuel Kant sobre a disciplina, a moralidade, a racionalidade e a instrução, numa dimensão pautada na filosofia humanística e pedagógica. Pensando na ideia de educação, será feita uma apreciação na obra “*Sobre a Pedagogia*” de Immanuel Kant, destacando a importância da educação para a liberdade. O pensamento e as ideias do filósofo do iluminismo, caracterizado num contexto histórico marcado de várias guerras, trazem importantes reflexões para a atual sociedade. Ao final desta discussão, procura-se estabelecer analogias epistemológicas sobre o pensamento educativo de Kant em consonância com as perspectivas de Jean-Jacques Rousseau nesta mesma direção. São elencados também, outros célebres pensadores da educação, visando a uma reflexão sobre a conduta ideal para a vida em sociedade.

Palavras-chave: Disciplina; Moralidade; Educação; Kant.

ABSTRACT

This paper aims to establish an analysis the contributions of the philosopher Immanuel Kant on discipline, morality, rationality, and education, guided in a humanistic philosophy and pedagogical dimension. Thinking about a idea of education, an assessment will be made in the work “*About Pedagogy*”, highlighting the importance of education for freedom. The thoughts and ideas of the philosopher of the Enlightenment, characterized in a marked historical context of various wars, bring important insights for today's society. At the end of this discussion, we seek to establish epistemological analogies about the educational thought of Kant in line with the outlook of Jean-Jacques Rousseau in the same direction. Are also listed other famous thinkers of education, aimed at reflecting on the ideal life in society conduct.

Keywords: discipline; morality; education; Kant.

¹ Doutorando em Educação pela UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba – SP e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBAIANO– Campus Teixeira de Freitas. E-mail: flavioipat@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A educação é definida como sendo uma função social importante para desenvolvimento das crianças e a necessidade de sua inserção na comunidade em que vivem, visto ser o único caminho que modifica o homem, senão por meio da educação.

John Dewey

O presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as ideias do filósofo Immanuel Kant (1724-1804), um dos mais célebres pensadores do Iluminismo. Tendo vivido numa época de enormes transformações sociais, econômicas e políticas, marcada historicamente por muitas guerras, na luta pela liberdade de expressão e de ideias e pensamentos, Kant deixou um legado importante para a conduta ética, moral e filosófica, contribuindo de maneira *sine quae non* para o estabelecimento da educação na sociedade moderna.

Para tanto, buscou-se desenvolver uma apreciação da obra “*Sobre a Pedagogia*” do referido pensador, em consonância com as ideias de educação de Jean-Jacques Rousseau, Jan Amós Comenius, David Hume e John Dewey no que tangem valores tais como a disciplina, a instrução e a moral do homem em sua primeira educação.

Esta apreciação da obra é de suma relevância para os estudos teóricos, que servirão de embasamento para a análise do objeto de investigação desta pesquisa de revisão bibliográfica. As contribuições de Kant tornaram possível decifrar, primeiramente, qual o sentido geral da pedagogia e, posteriormente, compreender o processo de mudanças da sociedade, em um mundo de constantes transformações.

A análise desta obra permitirá esclarecer as ideias de Kant, possibilitará a apreensão e interpretação acerca do significado filosófico e humanístico, pautados na moral e na disciplina, imprescindíveis para a consolidação da educação moderna. Assim, tornou-se possível pensar numa educação como prática de liberdade, visando à autonomia das crianças. Essa autonomia, em sua essência, é vista como positiva na vida de qualquer pessoa, pois está associada às normas de conduta exigidas pela sociedade.

A importância dos valores considerados essenciais à formação do caráter humano como a disciplina, a instrução e a moral devem ser orientados pelos pais preferencialmente logo cedo para as crianças, pois quanto mais cedo, é melhor para o

desenvolvimento de seus sentidos empíricos. Desta forma, os pais devem orientar seus filhos para a disciplina e a moral, a fim de que tornem autônomos para julgarem suas escolhas. No entanto, acredita-se que fatalmente erram as pessoas quando julgam as crianças pelas suas “más atitudes”, pois, quando crescem, podem tornar-se cidadãos capazes de agir com respeito perante a sociedade.

Desde cedo a criança precisa ouvir as palavras, buscar compreendê-las e tentar imitar os atos dos seus pais e mestres, pois é a partir desses ensinamentos que elas poderão realizar conclusões com discernimento e amor ao bem. O homem nasce bom, embora destituído de moral. Assim como os animais, são grandes imitadores ordenados da natureza, embora deixem cair facilmente nos vícios da sociedade.

Dentre as várias normas que precisam ser ensinadas na primeira infância, a lição de moral se torna um imperativo, mas não é importante somente na infância, mas em qualquer idade, que é a de não fazer mal a ninguém.

A análise abordada, neste trabalho, tem sua dimensão pautada numa visão social, humanística e filosófica, em que serão discutidas temáticas de moral e conduta, necessárias à formação qualificada, com objetivo de direcionar as pessoas para alcançarem a autonomia.

É possível partir do pressuposto onde sempre se questiona nas esferas educacionais ao longo de várias datas: “Como poderíamos tornar os homens felizes, senão os tornarmos morais e sábios?” (KANT, 2006, p. 28).

O homem é livre para agir e pensar, mas é única criatura que precisa ser educada, com base na moral e nas normas de convivência, a fim de que possa experimentar o prazer da liberdade e da felicidade.

A EDUCAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA AUTONOMIA

As reflexões de Kant sobre o processo educativo, para o exercício da autonomia, visando à liberdade, são bastante relevantes, podendo ser melhor elucidadas quando se analisam as ideias discutidas por Jean-Jacques Rousseau (Sec XVIII), uma vez que, nessa época, valores como a disciplina, a moral e a educação já se apresentavam historicamente indissociáveis e complementares à vida humana, caminho este de alcançar o prazer e a felicidade.

Os estudos, aqui propostos, procuram apreciar os escritos de Immanuel Kant, a partir da obra *“Sobre a Pedagogia”*, traduzida por Fontanella², em que se discorre sobre a educação e a conduta da pessoa para uma vida melhor na sociedade. A obra foi organizada em três momentos: a primeira parte é a “introdução”, em que é feita uma análise importante da disciplina desde a infância, visando sua progressão para a maturidade, vista como necessária para a formação humana.

Na segunda parte, intitulada “Educação física”, explica-se sobre os cuidados com o corpo e a saúde. Já a terceira parte, a “Educação prática”, traz importantes contribuições voltadas para a moral e para a formação cultural, consideradas essenciais para uma boa convivência na sociedade.

No primeiro momento da obra, torna-se relevante pontuar brevemente a importância da natureza humana, em que o homem é apresentado como a única criatura que necessita ser educada. Ele explica que, desde o seu nascimento, os animais não precisam de nenhum cuidado especial, bastando apenas ser alimentados, aquecidos, guiados e protegidos de algum modo. Deixa claro ainda, que se os animais, ao nascerem, gritassem ou chorassem como os bebês, iriam atrair outros animais que certamente os matariam.

Kant afirma que os animais, por sua natureza, nascem com o instinto que os conduzem, sem a necessidade de cuidados especiais. Já o homem nasce destituído desse instinto, mas possui, no seu consciente, a razão. Desde o seu nascimento, o homem necessita da ajuda de sua mãe para as necessidades primárias, assim como, para sua condução e orientação. Seu desenvolvimento acontece gradativamente, buscando em sua própria consciência qualidades naturais que permitem buscar o entendimento sobre as coisas para torná-lo capaz de viver no mundo civilizado. Essa disciplina é uma maneira de orientar o homem de forma natural a conceber o mundo em que vive, agindo de forma racional diferenciando assim, dos animais irracionais.

² Segundo Fontanella, os docentes da Universidade de Königsberg deviam regularmente ministrar curso de Pedagogia aos estudantes, revezando-se e que as “Lições de Pedagogia” foram desenvolvidas por Kant em 1776/77, 1783/84 e 1786/87. Portanto, as aulas foram ministradas no período em que Kant escrevia a *Fundamentação Metafísica dos Costumes* (1785) e a *Crítica da Razão Prática* (1788).

O pensamento kantiano sobre a educação dialoga em vários aspectos com as ideias de Comenius. Em 1621, Jan Amos Comenius (1592-1670), publicou a *Didática Magna*, onde foi traduzida para o latim em 1631, devido à preocupação com um dos grandes problemas de conhecimentos totais, evidenciando o “método” de ensino praticado pelas escolas. Ele foi consagrado “pai da didática moderna”, tendo se dedicado a uma teoria humanista e espiritualista na formação do homem em sua excelência, resultando em propostas pedagógicas admiradas e consideradas muito avançadas até mesmo nos dias atuais.

Como pensava Comenius sobre a educação? Apesar de ter vivido entre o final da Idade Média e início da Idade Moderna, ele promoveu importantes ensinamentos sobre a educação, provocando vários questionamentos para aquela época. Almejava uma educação universal, em que se deve ensinar tudo a todos, sem exceção. Deve-se exigir que todos tenham acesso ao conhecimento de todas as ciências, artes e línguas, pois esses conhecimentos serão úteis durante toda a vida, tornando-os homens sábios na mente e nas ações, para servir fielmente a Deus.

Para Comenius, a educação deveria ser ensinada na sua universalidade:

Pretendemos apenas que se ensine a todos a conhecer os fundamentos, as razões e os objetivos de todas as coisas principais, das que existem na natureza como das que se fabricam, pois somos colocados no mundo, não somente para que façamos de espectadores, mas também de atores. Deve, portanto, providenciar-se e fazer-se um esforço para que a ninguém, enquanto está neste mundo, surja qualquer coisa que lhe seja de tal modo desconhecida que sobre ela não possa dar modestamente o seu juízo e dela, se não possa servir prudentemente para um determinado uso, sem cair em erros nocivos. (COMENIUS, 2001, P.11)

A educação inicial da criança deve ser introduzida pelos pais. Para o desenvolvimento da criança, eram necessários materiais diversos, que seriam convertidos em sua utilidade, tornando assim, a experiência mais concreta e a possibilidade do brincar e do aprender pelos prazeres, assim como o prazer em aprender o conhecimento novo.

Os ensinamentos do educador Comenius são de extrema importância para educação moderna, em que se reflete sobre a prática pedagógica, levando o aluno ao desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico. Do mesmo modo, entra em jogo a formação do homem religioso, social, político, racional, afetivo e moral, que deve se tornar bom cidadão para a sociedade e obedientes a Deus, nosso criador.

Educar os sentidos, reconhecer a natureza, e nela a ordem harmoniosa pela qual o homem deve optar, é o mote. O mundo não se opõe ao homem, mas o completa, nele o homem se reconhece e se satisfaz. Por isso a necessidade de se apreciar cuidadosamente o procedimento descrito no pensamento de Jean-Jacques Rousseau e sua correlação com as ideias de Kant.

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça, em 28 de junho de 1712, e faleceu em Ermenonville, nordeste de Paris, França, em 2 de julho de 1778. Para ele, a educação tinha o foco centralizado na criança, ou seja,

A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o autor da natureza tivesse querido os pertences aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falai portanto às mulheres, de preferência, em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atender mais de perto que os homens, de nisto influir cada vez mais, o êxito as interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que então sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira pela qual os educaram. (ROUSSEAU, 1995, p.10)

A disciplina expressa por Kant (2006, p.12) é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria. A instrução, pelo contrário, é a forma positiva da educação. A selvageria consiste na independência de qualquer lei.

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas isso deve acontecer bem cedo. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que se acostumem a ficar sentadas, obedecendo pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus impulsos. Kant concordava com o pensamento de Rousseau que,

A educação primeira deve, portanto, ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudésseis conduzir vosso aluno são e robusto até a idade dos 12 anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão esquerda da direita, logo às vossas primeiras os olhos de seu entendimento se abriam para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo, ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação (ROUSSEAU, 1995, p.80)

Na primeira fase de vida, os bebês choram para chamar a atenção dos pais ou de seus cuidadores, de modo que os adultos correm imediatamente ao seu encontro, cantam e tentam silenciá-los. Considera-se esta uma atitude errônea, pois eles iriam acostumar com a ideia de que toda vez que chorarem, alguém aparecerá para interferir na situação.

Kant pensava a respeito da disciplina primeira, em especial, na essência verificada no choro dos bebês que, se pelo contrário, não se preocupar como com os seus choros, eles acabam por não mais chorar, já que nenhuma criatura procura para si mesma um sofrimento inútil. Se acostumar os bebês a verem satisfeitos todos os seus caprichos, depois será tarde para dobrar sua vontade. A conduta ideal é que deixem que chorem à vontade, e logo, eles mesmos ficarão cansados de chorar; pois quando se cede a todos os seus caprichos na primeira infância, corrompe-se, desse modo, o seu coração e os seus costumes.

Pensando ainda na disciplina, e procurando encontrar respostas para essa atitude ética, numa percepção meramente instrumentalista, é possível verificar que, quando as crianças começam a falar, choram menos. Esses primeiros gestos representam, por sua vez, o progresso natural onde uma linguagem é substituída por outra. No entanto, desde o momento em que as crianças sofrem com palavras, deveriam evitar gritos, salvo quando se tratar de dores ou uma doença que as incomode ao ponto de não suportar mais e daí clamam pela ajuda de outras pessoas.

Para Rousseau,

A partir do momento que Emílio disser está-me doendo, somente dores muito agudas o levarão a chorar. Se a criança é delicada, sensível, se naturalmente se põe a chorar por nada, lançando gritos inúteis e sem efeito, seca-lhe a fonte desde logo. Enquanto chorar, não irei a ela; irei quando se calar. Dentro em breve sua maneira de me chamar será a de silenciar ou, quando muito, lançar um grito só. É pelo efeito sensível dos sinais que as crianças aferem seu sentido, não há outra convenção para elas: por mais que a machuque, é muito raro que a criança chore estando sozinha, a menos de ter a esperança de ser ouvida (ROUSSEAU, 1995, p. 58).

Convém salientar que a pedagogia vem demonstrando ideias que apontam significações de ordem prática e metodológica, revelando-se, então, como temáticas de grandes discussões em vários momentos históricos. A pedagogia torna-se palco de questionamentos, principalmente quando se percebe que o homem não nasce com a moral, mas se torna moral pelo caminho da educação.

Desta forma, Kant vê na educação o caminho para o despertar crítico e autônomo do aluno, em que o importante é que este desenvolva habilidades. “Não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar” (KANT, 2006, p.27), assim expressa o pensador.

Na segunda parte da obra de Kant, ele trabalha a denominada “educação física”, em que a parte positiva é a cultura. Para ele, o homem é capaz de se diferenciar dos outros animais pelo desenvolvimento do senso crítico, no exercício de suas tendências sociais e culturais. No entanto, ele recomenda que os pais dispensem todo e qualquer tipo de instrumento que os auxiliem, como muletas para aprender a andar, pois esta prática impede que a criança desenvolva por si só a autonomia e a liberdade de aprender.

Os métodos utilizados para ensinar as crianças a andar são excessivos, pois se utilizam de andadores e carrinhos, o que se torna negativo para o desenvolvimento autônomo das crianças. Rousseau condenava esse protecionismo dos adultos para com as crianças, ao ressaltar que,

Mal a criança sai do seio da mãe, mal goza a liberdade de se mexer e distender seus membros, já lhe dão novas cadeias. Enrolam-nas em faixas, deitam-na com a cabeça imóvel e as pernas alongadas, os braços pendentes ao lado do corpo (...) e tiras que não lhe permitem mudar de posição. (ROUSSEAU, 1995, p.17)

Ainda pensando nessa perspectiva protecionista, Rousseau dizia que,

Sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais necessidade de saber...Nossa mania pedante de educar é sempre a de ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor sozinhas e esquecer o que somente nós lhes poderíamos ensinar (...) Emílio não terá nem barretinhos protetores, nem carrinhos, nem nadadeiras; logo que souber por um pé a frente do outro, só o sustentarão nos caminhos calçados e por eles só passarão às pressas. (ROUSSEAU, 1995, p.59)

Na terceira parte da obra *Sobre a educação prática*, observa-se que a educação é vista de forma prática, momento em que Kant finaliza a obra propondo uma educação para que o homem desenvolva a capacidade de pensar e agir conscientemente e por si mesmo. Daí obtêm-se a resposta do *para que educar*. Educar para a liberdade, mediante o pensamento kantiano sobre a Pedagogia, através de elementos de conduta ética pertencentes à educação prática: habilidade, prudência e moralidade.

Segundo Kant, a moral não pode ser extraída da experiência, pois seu objeto é o ideal e não o real, o que deve ser e não o que é. Se procedesse da experiência, o dever não mereceria o respeito. O que o caracteriza e o dignifica é ser ele uma ideia da razão. O dever é, pois, uma exigência da razão pura; é uma ordem *a priori* da razão; é um ideal que a nossa razão nos propõe. Portanto, o homem é possuidor de uma vontade como ser racional que é; a vontade outra coisa não é senão a razão prática; é a faculdade de agir segundo certas regras; essas regras se são subjetivas, são válidas para a vontade do sujeito; se são objetivas, constituem leis, que são válidas para a vontade de todo ser racional.

Partindo ainda da subjetividade da razão, excita-se a inveja de uma criança, quando levada a estimar pelo valor dos outros. Muitas vezes, as crianças são direcionadas apenas pelas opiniões dos adultos. Considera-se, portanto, um erro enorme, pois deve ser ao contrário. As crianças devem estimar pelos conceitos da própria razão. Dessa forma, desenvolvem a humildade que causa um confronto do valor próprio com a perfeição moral (KANT, 2006, p.93).

O pensamento kantiano dialoga com as ideias de John Dewey. Durante a primeira metade do século XX, o filósofo do pragmatismo John Dewey (1879-1882) aparece como representante principal do movimento da educação progressista norte-americana, em que descreve importantes contribuições para a educação. Ele se remete primeiramente à educação como função social. Num mundo sacudido por grandes guerras, num despontar dos Estados Unidos como grande potência mundial, o filósofo procura apresentar um pensamento sobre a educação que contribua para o desenvolvimento de uma sociedade.

Para ele, deve-se valorizar a experiência. Tomado num sentido diverso do vocabulário empirista, a experiência é história, ou seja, a construção do saber humano acumulado pela vida das gerações. Nessa trilha do instrumentalismo, destaca-se, no pensamento de Dewey, o objetivo, a finalidade que é a inteligência, a razão, a finalidade da ação. Portanto, um professor que se submeta a determinações exteriores é um professor escravizado. Ele deve ter seu trabalho orientado pela busca de um resultado que ofereça à consciência uma utilidade.

Dewey, pensando nessa perspectiva, discute que os objetivos da educação são abstratos. Estes não têm finalidade. Quem elege os fins são os pais, professores e comunidades, e os objetivos devem ser considerados bons, assim que possam encontrar

neles a tendência de aprimoramento das aptidões, sejam elas para um futuro remoto ou para atividades mais comuns do cuidado com a vida.

Os objetivos devem ser articulados diretamente com o fazer pedagógico; não devem ser aceitas determinações exteriores. Por conseguinte, esses objetivos também não podem ser absolutos, isto não cabe a uma sociedade democrática, e os professores devem cuidar para que ideias de uma finalidade geral não conduzam para outras coisas. As ideias, por sua vez, à medida que são uteis, deixam de ser gerais.

Segundo Dewey,

O objetivo da educação deve alicerçar-se nas atividades e necessidades intrínsecas (inclusive os instintos inatos e os hábitos adquiridos) do indivíduo que vai ser educado. A tendência de preparação é esquecer as aptidões existentes e fixar como fim alguma realização ou responsabilidade. Impor a ideia de preparação para um futuro remoto e da circunstância torna mecânico e escravizado o trabalho do professor e do aluno. Há também a pretensão de propor objetivos tão uniformes e exigências de um indivíduo com o esquecimento da circunstância de que toda aprendizagem é coisa que acontece a um indivíduo em lugar e tempos determinados. (DEWEY, 1936, p.143)

Kant pergunta se o homem é moralmente bom ou mal por natureza. Segundo ele, o homem não pode ser considerado nem bom e nem mau por natureza. Ele nasce sem a moral, mas a atinge quando eleva sua razão em conformidade com os conceitos das suas obrigações e da lei. No entanto, o homem nasce com tendências próprias para os vícios da sociedade, cabendo a ele, optar pelas inclinações do bem ou do mal, uma vez, que são muito fortes os impulsos a levarem para os vícios da sociedade (KANT, 2006, p.95).

O pensamento kantiano dialoga, ainda, com o filósofo David Hume (1711-1776). Hume, de postura empirista, considera a experiência como fonte reveladora do conhecimento por meio das categorias, ideias e impressões, sendo a última, dados dos sentidos, obtendo sua plenitude em relação às ideias, que não possuíam para ele a mesma força em relação à impressão. Hume, em sua trajetória de vida, encara, de uma forma ampla, a moralidade como sendo um conjunto de qualidades aceitas e estas, por sua vez, são obrigadas a acontecer a qualquer tempo na vida de todas as pessoas, visto ser uma necessidade de base humanística.

Hume acreditava que a moralidade não estava inserida nos conhecimentos adquiridos, e sim, de maneira intrínseca no próprio eu. Por conseguinte, ela vê a moralidade pelo seu utilitarismo social, visando a encontrar a felicidade dentro de si mesmo de modo a

agradar as pessoas, proporcionando a felicidade do outro, ou seja, das pessoas que fazem parte do círculo cultural de convivência.

Nesta pesquisa foi importante delinear aspectos importantes em vários campos do conhecimento, tais como moralidade, razão e cultura. Não poderia de deixar de evidenciar os postulados da filósofa brasileira Marilena Chauí (2000, p. 61) quando aponta que no século XIX, a Filosofia descobre a Cultura como o modo próprio e específico da existência dos seres humanos. Os animais são seres naturais; os humanos, seres culturais. A Natureza é governada por leis necessárias de causa e efeito; a Cultura é o exercício da liberdade.

No entanto, ela reforça o pensamento kantiano, segundo o qual a educação é uma necessidade e o caminho capaz de modificar o homem, buscando a sua autonomia, pautada na liberdade e almejando a felicidade e a plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sempre se encontra elencada nos palcos de questionamentos diversos da sociedade atual, em que se almeja a qualidade. Essa temática é muito discutida e debatida entre os teóricos da educação. Mas, o que se espera da educação? Ela deve, em primeiro lugar, transformar o homem e valorizar a natureza em seu desafio de sobreviver. No aspecto social, deve otimizar as relações e oferecer as oportunidades às diferentes classes sociais.

Trata-se de uma maneira de a sociedade se constituir, sendo a escola fundamental para isto. É preciso direcionar o aluno para suas aptidões, de modo que possa assim, retribuir à sociedade, uma condição de vida, em que ninguém precisa ser subjugado, permitindo ao aluno desenvolver em si próprio o exercício de sua autonomia.

Sendo a vida social dependente de um esforço conjunto, elege-se a solidariedade como um princípio de alto valor. Educar-se a partir de um corpo, de suas potencialidades, mas se educa para que este saber se ofereça e se comunique aos outros indivíduos. Isto se torna possível, pois a cultura é entendida do ponto de vista individualista, mas a eficiência social dela é que importa para a educação.

O pensamento kantiano traz importantes reflexões para a atual sociedade, ainda que caracterizado num contexto histórico da época, evidenciado por mudanças filosóficas e

políticas; os novos modos de pensar, ver, sonhar e viver; num momento marcado por muitas guerras; tentativa de rompimento com o passado e a tradição de que não se pode fazer depender a moralidade das provas dialéticas da liberdade do homem, da imortalidade da alma e da existência de Deus. Porém, a razão não é constituída apenas por uma dimensão teórica, que busca conhecer, mas também por uma razão prática, que determina seu objeto mediante a ação.

Ficou claro que a educação das crianças pode ser instruída de maneira natural, sem nenhuma forma de proteção, para que sejam capazes de se perceber. Muitas vezes, erramos quando as deixamos fugir das experiências, afastando-as dos riscos, pois assim, elas nunca se machucam com gravidade. Na verdade, precisam aprender quais são os riscos que as cercam, percebendo por si como se protegerem.

Este estudo permitiu discutir e compreender temáticas relacionadas à moral e conduta, necessárias à formação qualificada, com o objetivo de direcionar as pessoas para alcançarem a autonomia. O homem é livre para agir e pensar, mas ele é a única criatura que precisa ser educada, dentro da moral e das normas de convivência, para que possa sentir o prazer da liberdade e da felicidade.

A análise da obra kantiana foi bastante relevante, de modo que foi possível decifrar em que consiste a pedagogia, enquanto sentido geral, num mundo de constantes transformações, onde foi possível evidenciar que o homem precisa ser educado para a liberdade e seu exercício da autonomia.

Esta análise possibilitou, ainda, compreender as mudanças da sociedade, permitindo esclarecer o pensamento kantiano, analogicamente, com as ideias de outros pensadores, viabilizando, assim, a apreensão e interpretação acerca do significado filosófico e humanístico, com base na moral e na disciplina; valores estes, imprescindíveis para se pensar em uma educação ideal, que acentue o constante processo de evolução, visando ao bem-estar e à felicidade do homem na sociedade.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Vol. Único. São Paulo: Ática, 2000.

COMENIUS, Jan Amós. **Didactica Magna**. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Versão para eBook. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução Francisco C. Fontanella. Piracicaba-SP: Editora Unimep, 2006.

_____. Kant, a moral, a educação. Texto apresentado na disciplina Epistemologia e Educação I, ministrada pelo professor Dr. Bruno Pucci, do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, nos dias 03 e 10 de abril de 2014.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou Da Educação**. Tradução MILLIET, Sérgio. São Paulo. Editora Bertrand Brasil. 1992.